

De Pessoa como Pura Virtualidade

Eduardo Lourenço*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Leyla Perrone-Moisés.

Resumo

A 28 de Novembro Eduardo Lourenço reviu e apresentou um texto escrito a 15 de Setembro do mesmo ano, 2013, que preparou para prefaciá-lo o livro *Pessoa, le sujet éclaté* (2014) de Leyla Perrone-Moisés. Apresenta-se aqui esse texto.

Keywords

Fernando Pessoa, Leyla-Perrone-Moisés.

Abstract

Eduardo Lourenço wrote a text, on 15 September 2013, to serve as Preface to the forthcoming book by Leyla Perrone-Moisés, *Pessoa, le sujet éclaté*. Here we present that text, which he revised on 28 November.

* Universidade Nice.

[**Nota Editorial.** Em 2014 será publicado o seguinte livro, com prefácio de Eduardo Lourenço e posfácio de Patrick Quillier: *Pessoa, le sujet éclaté*. Paris: Ed. Petra, 2014. A autora, Leyla Perrone-Moisés, reuniu doze textos – quase todos publicados em francês, ao longo de quarenta anos – que revelam a sua continuada e apaixonada leitura de Fernando Pessoa, um poeta que, nos anos 1970, era ainda pouco conhecido na França, onde ela estudou e foi orientada por Roland Barthes. “Como, na época, eu estava ligada ao grupo *Tel Quel* – escreve-nos Perrone-Moisés – falei de Pessoa a Philippe Sollers, que se entusiasmou e me pediu um artigo para a revista. Assim, publiquei meu primeiro ensaio sobre Pessoa naquela revista, em 1974. O momento histórico também suscitava um súbito interesse por Portugal. Era ainda uma época de grande efervescência teórica e senti que a *French Theory* se prestava bem a interrogar a questão do sujeito-autor na obra de Pessoa. Desde então, nunca mais parei de escrever sobre ele, muitas vezes em francês: artigos em revistas e jornais, apresentações de livros, comunicações em colóquios. Com exceção do capítulo *Pessoa personne?*, os artigos dessa edição francesa não tinham ainda sido reunidos em livro.”

Eduardo Lourenço cedeu-nos a cópia de uma versão impressa do seu futuro prefácio, com algumas emendas e acrescentos manuscritos, durante o III Congresso Internacional Fernando Pessoa no Teatro Aberto. Para nós, editores da revista *Pessoa Plural*, como para a autora de *Pessoa, le sujet éclaté*, é um grande prazer contar com um texto de Eduardo Lourenço, mestre pessoano de quem sempre estivemos muito próximos. Este testemunho tem no cabeçalho a seguinte indicação manuscrita: «Sobre Leyla e para Leyla (e os meus amigos brasileiros)» e a assinatura de Lourenço. Optámos por não transcrever, mas apenas fac-similar o documento original. Agradecemos a Eduardo Lourenço e a Leyla Perrone-Moisés a possibilidade de publicar este lúcido texto, escrito na linguagem tão própria e cativante a que há muito nos habituou. – Onésimo Almeida, Paulo de Medeiros, Jerónimo Pizarro]

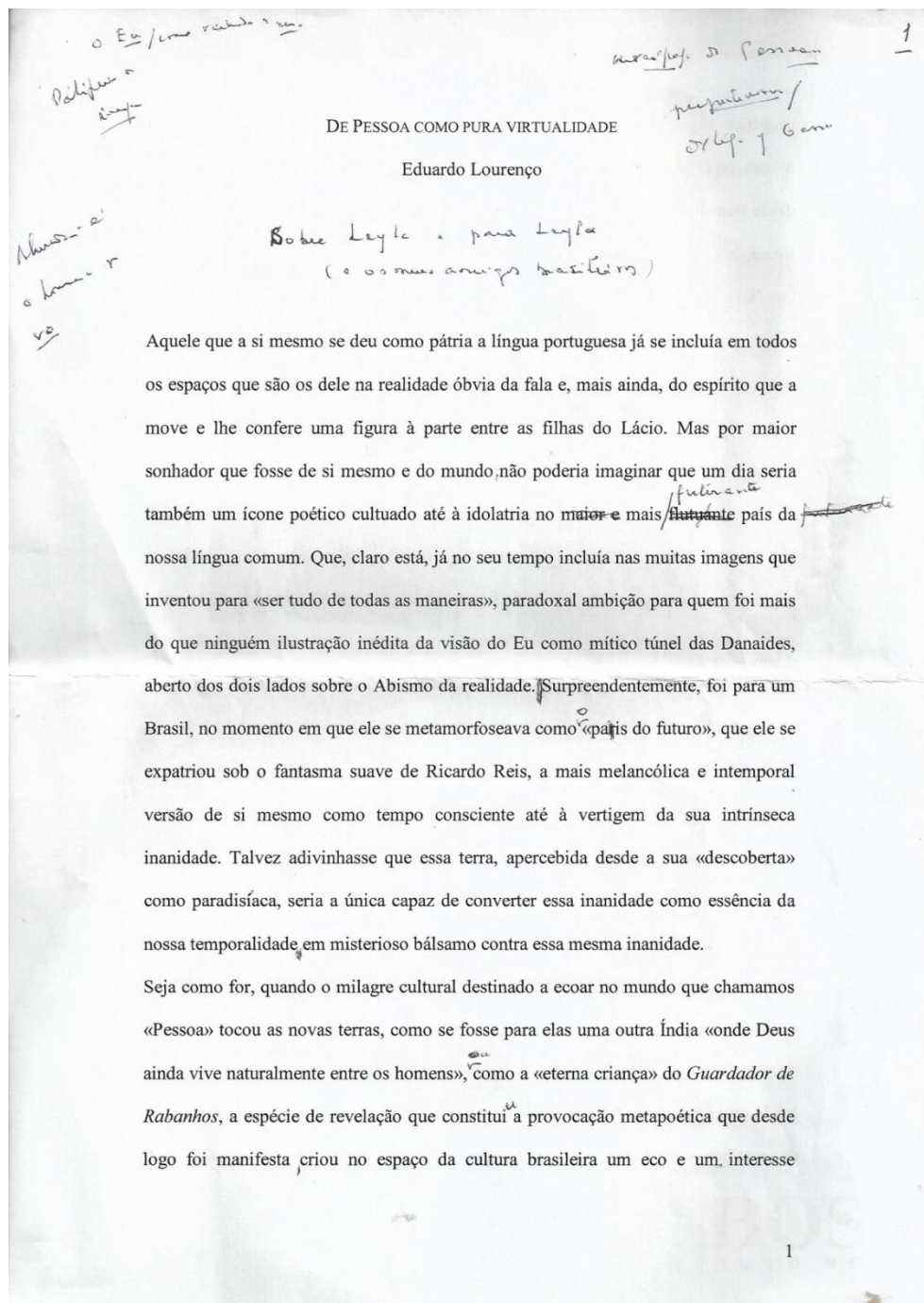


Fig. 1. "De Pessoa como Pura Virtualidade" / 1.

exegético e passional a que praticamente nenhuma figura de relevo dessa cultura deixou de estar atenta. Em todas as ordens, desde a filosófica, à literária, à mítica, desde Benedito Nunes à mestra das mestras de várias gerações Cleonice Berardinelli, figuras tutelares do momento augural da recepção do Poeta na imensidade da escrita brasileira.

Estava reservada à geração de que Leyla Perrone-Moisés é o exemplo mais fecundo e inovador, continuar essa primeira vaga de leitores extasiados com Pessoa, problematizando a sua enigmática e insólita visão, tomando-o como uma espécie de objecto em si, quer dizer, como manifestação do enigma que nela toma corpo e que, antes da visão mesma do Ser-Não Ser como realidade onírica, é um «efeito da linguagem», *apriori* fáctico que deve ser interrogado na sua essência de leitura do ser como inconsciente da sua realidade de língua. Essa nova leitura só podia nascer após a extenuação da paráfrase clássica do «poético», como auto-evidente criação, por assim dizer *ex-nihilo*, iluminação romanticamente insusceptível de leitura do acto criador que já contém em si o sentido do seu próprio milagre. Em suma, após o fim da Modernidade como sujeito da sua própria fulgurância e surgimento da exigência, ao mesmo tempo radical e pleonástica da ‘verdade’, ou auto-evidência que o poema como tal é e manifesta.

No nosso Ocidente, que pode englobar a Rússia do formalismo vanguardista dos anos 20 até aos Estados Unidos do emigrado Roman Jakobson¹⁰, esse foi o contexto cultural, logo mitificado, do famoso estruturalismo fascinado paradoxalmente por uma leitura que parecia — ou é, de algum modo — o seu oposto, de freudiana e então renovada exegese laciana. Desta nova exegese, ou na luz dela, encontrou Pessoa pela mão de Leyla, uma releitura do texto labiríntico e comentário infinito, como eco do seu jogo de espelhos sem imagem que ~~a~~ detenha, ~~uma~~ original, ~~e até então inédita~~, não

Fig. 2. “De Pessoa como Pura Virtualidade” / 2.

3

1 ex certa literatura

vibrante ou ~~abstrato~~ imponente

perifrástica, mas ^{onde se inscreve} interna e, ao mesmo tempo, exterior ao texto-Pessoa. E só após essa ^{essa leitura de Pessoa suscitada na ordem da pura} visão do seu carácter textual, o que nesta aparência — no caso de Pessoa — ^{que é o lugar do nascimento do deus a Helena nome a} ela encobre como relevando do mundo das Ideias e, em última análise, de toda a memória da criação poética do Ocidente. ~~e não só~~. Como em particular a sua inovadora e capital exegese de Caetano, «noyau infracassable» do mistério paradoxalmente claro «como uma fotografia», ^{onde se inscreve} se manifesta como o «sol» mesmo da Realidade e redime a noite da inconsciência original de onde tudo procede ou onde se recorta. Para a futura editora do Livro do Desassossego, ^{essa leitura de Caetano suscitada na ordem da pura} travessia de olhos abertos até à exaustão desse fulgor negro do Vazio onde tudo começa e para onde tudo converge. Toda a sua exegese ^{vai (virtualidade)...} desse anti-ôntico Vazio aquém e além de todo o conceito, como ^{vai} Deus de que a sombra constitui a ^{essa} lógica e ^{essa} pertinente iniciação. Isto o sublinha com ática clareza a ^{essa} autora: «Tendo assumido até ao extremo a impessoalidade, com riscos pessoais de evanescência, Pessoa fez-se Poeta, voz verdadeira e única, não no que diz, mas na insistência em dizê-lo de certa forma. Por deixar que a linguagem dissesse, nele, o ser. A negatividade de Pessoa não é uma negação, mas uma força produzindo mitos, que iludem o nada e o transformam em tudo.»

Dessa negatividade activa, poeticamente criadora, e teoricamente expressa numa espécie de «oxímoro» original em que «o que é» depende de um não-dito original e incontornável, vive o criador de «eus supostos» que o Eu se inventa para converter a sua ficção ôntica numa implausível e eternamente ^{isto} inacessível figura que chamamos «realidade».

Como um deus vedântico — encarnação mítica de um ser fantasmagórico em figurações barrocas manifesto —, Fernando Pessoa só como múltiplos fantasmas de si mesmo concebeu o deus ausente ou a ausência-Deus que lhe serviu de espelho. O que para exegetas da geração anterior a Leyla Perrone (e também a José-Augusto Seabra)

3

Fig. 3. “De Pessoa como Pura Virtualidade” / 3.

foi uma óbvia intuição que podiam ter induzido da inspiração hinduísta que na sua adolescência inglesa o fascinara para sempre, foi para ^a autora deste pós-moderno ensaio pessoano, tão vertiginosamente iluminado, um original pré-eu, análogo do vazio absoluto, do imaginário hinduísta. Ou, na sua versão gnóstica ocidental, de onde ^{o além Deus} surgem as virtuais identidades que como os atributos infinitos de Espinosa nunca dirão a Unidade, que nada define senão o enigma fáctico de um absoluto de Existência, causa de si mesmo. Aquém do ser e além do ser. Como o não-existente e super-existente Pessoa, na reavistagem de Leyla, descrito e interpelado como uma Pítia moderna, enquanto labiríntica busca de si mesmo, como um «eu aquém do Eu e além do Outro» ^{Assim de ofusca uma visão do Bem e do Mal sem referência ao Bem} que nunca será a solução para a sua intrínseca não-identidade, mas reiterada oscilação e viagem que, poética e miticamente, configuram para o sempre do «Sonho» o perfeito ausente de si mesmo, do mundo e de um Absoluto que em si mesmo é e será sempre ^{para ele} a consciência do abismo da sua (para nós) inconcebível visão.

Lisboa, 15 de Setembro de 2013

Eduardo Laurenço

Fig. 4. "De Pessoa como Pura Virtualidade" / 4.